FUNDAÇÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

# EDUCAÇÃO: TEMPOS MODERNOS, PRÁTICAS ULTRAPASSADAS.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº. 5429
Data 21 / 05 / 99

PONTES E LACERDA, SETEMBRO DE 1998.

# EDUCAÇÃO: TEMPOS MODERNOS, PRÁTICAS ULTRAPASSADAS.

POR

SIMONE MARIA DE SOUSA PEREIRA GONÇALVES

G635e

Ensaio Monográfico para graduação do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e literatura do VIII Semestre, para fins de conclusão do Curso de Letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda orientado pela professora Teresa de Pazos da Silva, monitorado por Raquel Alves Rabelo.

PONTES E LACERDA, SETEMBRO DE 1998

# SUMÁRIO

Apresentação ..... 03

Os primórdios da educação no Brasil ..... 06

A educação hoje ..... 12

O dia-a-dia da sala de aula ..... 19

A dinâmica interna da sala de aula: A prática do professor ..... 24

Considerações Finais ..... 30

Referências Bibliográficas ..... 31

Anexos ..... 33

*Dedico a meu marido e a minha filha e aqueles que, de certa forma, estiveram envolvidos mesmo que indiretamente em meu trabalho dando-me força e compreensão.*

*"E história não é o relato do passado esquecido e rememorado no ato de conhecê-lo, mas é a recuperação do ato passado que, enquanto, funda e enlaça o presente no passado e o futuro no presente, não na sua forma perfilada, mas na sua forma criadora, geradora."*

Neidson Rodrigues.

# APRESENTAÇÃO

A escola, por ser uma instituição educacional, tende a renovar sua ação pedagógica visando uma melhor formação para seus alunos. Mas será que há, realmente, uma renovação ou somente alguns aprimoramentos da ação pedagógica levando-se em consideração a educação no país do início da colonização no Brasil até hoje?

Sabemos que atualmente, o ensino escolar anda meio abandonado por parte dos setores governamentais e também por parte dos próprios educadores. No contexto político, a educação, em meio a tantos outros interesses, não vem em primeiro plano desestimulando os professores, que reivindicam melhores salários e melhores condições de trabalho. Há um grande descaso com o ensino público hoje, falta material didático onde os professores possam apoiar-se e obter um bom desempenho em seu trabalho, falta motivação e companheirismo por parte dos próprios colegas, pois unidos o desafio de educar será conquistado.

Tendo em vista estes fatores, o presente trabalho tem por objetivo analisar a atual prática pedagógica tomando como parâmetro a prática imposta pelos primeiros educadores brasileiros, os jesuítas, que tinham uma dominação sobre a educação da época, voltada para as leis religiosas.

Para tanto no primeiro capítulo apresento uma retrospectiva histórica da metodologia de ensino dos jesuítas; o segundo capítulo trás um apanhado de como se encontra a situação escolar hoje e as tentativas de mudanças no ensino; logo depois apresento o quadro da situação escolar vivida em sala de aula, devido a métodos ultrapassados e por fim algumas considerações sobre necessidades básicas de mudança na ação pedagógica para melhorar o ensino/aprendizagem.

# OS PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Desde os tempos primordiais a educação é um fator que preocupa o homem, principalmente a educação religiosa. A Igreja na Idade Média era a principal responsável pela educação de seus fiéis.

Para a autora Maria Lúcia Arruda Aranha: "os parâmetros da educação na Idade Média se fundam na concepção do homem como criatura divina (...) que cuida em primeiro lugar da salvação da alma e a vida eterna". (1996, p. 72).

No período da escolástica, que é a mais alta expressão da filosofia cristã medieval, recomendava-se respeitar sempre o "princípio da autoridade", tendo humildade para consultar sábios e intérpretes autorizados pela Igreja evitando assim pluralidade de interpretações dos textos sagrados.

Neste período a Igreja queria que seus educandos agissem sempre pelo lado religioso, mas, com a grande urbanização, surgem sociedades mais complexas, prenunciando as rupturas na unidade secular da Igreja, e o gosta pelo racional torna-se evidente. "e as Universidades passam a ser o foco dessa fermentação intelectual". (Idem, p. 73).

Com a reforma protestante surge uma educação religiosa reformada, propondo retorno as origens via texto bíblico.

A educação, principal meio de divulgação da Reforma dá aos homens direitos iguais de leitura e interpretação da Bíblia.

Os precursores da educação reformada, Lutero e Melanchthon, segundo a autora supra citada:

> "propõem escola primária para todos (...) Para a camada trabalhadora, educação primária elementar; para a privilegiada, ensino médio e superior (...) Eles defendem a educação universal e pública e repudiam castigos e criticam o verbalismo da escolástica". (1996, p. 90 e 91).

Com isso a Igreja Católica reage incentivando a criação de ordens religiosas para evitar a expansão do protestantismo, surge então "Companhia de Jesus" com seus seguidores, padres-mestre chamados de jesuítas. Conforme Aranha: "A Ordem estabelece rígida disciplina militar, seu objetivo primário é a propagação missionária da fé". (idem, p. 91).

Então surge a criação e multiplicação das escolas jesuítas. A ação pedagógica responsável pela formação de inúmeras gerações de estudantes, torna-se o traço marcante do trabalho jesuítico.

Ainda segundo Aranha:

> "a pedagogia dos jesuítas é muito eficiente devido a preparação dos mestre e uniformização da ação. (...)Devido a flexibilidade aos costumes do lugar onde se instala a Ordem, a obra missionária se adapta com facilidade e permite maior eficiência". (Idem, p. 92).

Segundo Veiga, em se tratando da preparação dos mestres, "os professores da Companhia jesuítica tinham uma formação especial voltada ao caráter e à formação psicológica para o conhecimento de si mesmo e do aluno". (1994, p. 41).

Tanto em Aranha como Veiga, os jesuítas usavam um documento de regras e normas, RATIO STUDIORUM, de onde desenvolviam suas práticas e conteúdos, resultando em uma orientação universalista, por ser adotada por todos os jesuítas e por usar procedimentos metodológicos e elitistas destinadas aos filhos dos colonos.

As regras do RATIO STUDIORUM visavam:

- Aliança das virtudes sólidas como o estudo;
- Evitar - se as novidades de opiniões;
- Exercícios de repetição em casa;
- Preleção: leitura de todo o texto, exposição, esclarecimento dos períodos obscuros, adaptações, interrogação, ditado, correções.

A educação jesuítica privilegiava o método.

Segundo o jesuíta e filósofo brasileiro, Padre Leonel França citado em Aranha: "a gramática visa a expressão clara e correta; as humanidades, a expressão bela e elegante; a retórica, a expressão enérgica e convincente". (1996, p. 93).

O método jesuítico se mostra bastante exigente, recomendando a repetição dos exercícios, facilitando a memorização, sabatina para as classes inferiores e torneio de erudição para os mais adiantados. Outras características de ensino jesuítico é o estímulo à competição entre alunos e classes. Os jesuítas para contrabalançar a disciplina, estimulavam as atividades recreativas.

Segundo Veiga, "esta metodologia difundida pelos jesuítas foi o alicerce de uma tradição didática no método e em regras de bem conduzir a aula eo aluno." (1994, p. 42).

Os seus colégios tornam-se famosos por ser local de formação religiosa, intelectual e moral das crianças e jovens.

Conforme Aranha, "os jesuítas tem grande influência na formação do **honnête homme** que significa "gentil-homem, o homem educado conforme a sociedade aristocrática da época". (1996, p. 93).

Após mais de 200 anos de ação pedagógica jesuítica recrudescem as críticas ao monopólio de ensino religioso. "Os jesuítas não me ensinaram senão latim e tolices: . (Filósofo Voltaire).

Umas das caraterísticas mais criticadas desse ensino é a separação entre .escola e vida.

Segundo as duas autoras, os jesuítas são considerados excessivamente dogmático*, autoritários e por demais comprometidos com o Santo Ofício. O pensamento religioso era contra o pensamento crítico. A realidade da colônia era totalmente diferente desse tipo de ensino.

No Brasil ação jesuítica é catequizar os indígenas e dar instrução dos colonos, controlando a fé e a moral dos habitantes da nova terra. Eles tiveram muitas dificuldades devido a língua a aos costumes diferentes, mas logo o primeiro jesuíta aprendeu a língua em missão evangelizadora.

Com a aprendizagem da língua, segundo Aranha, "os jesuítas elaboraram uma gramática em tupi-guarani. O Pe. Anchieta faz uso de teatro, música, poesia, diálogos em versos para atrair a atenção das crianças que logo aprendem a moral e a religião cristã". (1996, p. 100 e 101).

---

* Ensino dogmático: é o ensino voltado para as leis religiosas; autoritário.

Terminando o curso de artes, os jovens encontravam duas alternativas, segundo Aranha:

- estudava teologia, para manter viva a obra dos jesuítas no tempo;
- preparava-se para as carreiras profanas das profissões liberais: direito, filosofia e medicina.

Segundo Aranha, com este programa: "os jesuítas monopolizavam o ensino no Brasil, apoiados pelo Rei de Portugal, que sabia o quanto a educação era importante como meio de submissão e de domínio político, portanto não interferia nos planos dos jesuítas". (1996, p. 102).

Os jesuítas imprimiram de forma marcante o ideário católico na concepção de mundo dos brasileiros e conseqüentemente na tradição religiosa do ensino que perdurou até a República.

A Companhia de Jesus entra no século XVIII com mais de 600 colégios.

Apesar de organizadores e competentes os jesuítas representam o ensino tradicional mais conservador. Desprezavam as ciências e filosofias modernas e enfatizavam o ensino do latim e da retórica.

O monopólio jesuítico na educação mantém uma escola conservadora, alheia à revolução intelectual representada pelo racionalismo cartesiano e pelo renascimento científico. Ë literária, abstrata além de dogmática.

A educação, com o tempo, atende a um seguimento novo, o da pequena burguesia urbana que aspirava à ascensão social.

Os brasileiros mesmo recebendo a educação padronizada, iam em busca de outros estilos de vida vislumbrada no Velho Mundo para contrapor ao modo de vida rural e patriarcal da Colônia. Esses elementos de diferenciação revelam ideais políticos e sociais da insatisfação com o **status quo**. Daí poderia ter se desenvolvido uma cultura diferente da jesuítica.

Veiga, em se tratando de Didática não contradiz o que diz Aranha sobre a educação jesuítica no Brasil e no mundo.

Segundo ambas, os jesuítas foram os primeiros educadores do Brasil atuando de 1549 a 1769.

O autor Ab'Saber ao enfocar a Ação Missionária e a educação, relata mais o lado financeiro das escolas jesuíticas. Fala como eles mantinham os colégios

sem que pudessem, devido a um voto de pobreza, tem uma fonte de renda própria.

A renda para a manutenção das escolas vieram através de um alvará assinado por D. Sebastião, que deu a Companhia de Jesus uma nova fase. Os recursos financeiros permitiram-lhe a continuidade do trabalho catequético, que cresceu e se multiplicou.

Conforme o autor o primeiro mestre-escola, Custódio Pires, iniciou um curso de ler, escrever e de algarismo na cidade do Rio de Janeiro. Esses foram os ensaios iniciais de implantação, nas terras brasileira, de uma política colonizadora que foi ao mesmo tempo religiosa e regalista.

O subsídio real concedido a essas escolas assegurava-lhes ensino de caráter obrigatoriamente público semelhante ao Colégio de Artes Coimbra.

O plano da RATIO STUDIORUM já detalhado anteriormente dominou a educação no Brasil até a expulsão dos jesuítas por Marquês de Pombal em 1759. Não havendo no país, após os jesuítas, nenhum grande movimento pedagógico igual ao deles.

# A EDUCAÇÃO HOJE

Devido a expulsão dos jesuítas por Marquês de Pombal houve na educação brasileira, segundo Romanelli citado em veiga, "O desmantelamento de toda uma estrutura de ensino".(1987, 36). Tal estrutura não foi substituída por uma outra que organizasse o ensino especialmente no que tange a métodos.

Atualmente a prática pedagógica não atinge seu objetivo primário de desenvolver métodos e técnicas de ensino que levem a um caminho concreto, de aproximação do real papel da escola. Segundo Oswald Rays: "a prática pedagógica tem-se constituído num mero emprego de métodos e técnicas de ensino sem uma justificativa teórica que se aproxime dos reais propósitos da ação educativa escolarizada". (1995, 83).

É necessário que se tenha hoje planos e normas que cumpram as necessidades das escolas, e para isso os métodos de ensino tem que ter uma meta definida de modo a cumprir com seu papel de proporcionar acesso ao conhecimento sistematizado.

> "Necessita-se então, do método de ensino, desde que seja um meio concreto para o alcance de metas educativas e coadjuvante na transmissão e na assimilação do conhecimento elaborado - da ciência - de forma mais coerente e organizada". (Idem, p. 85).

O método de ensino, um dos elementos estruturais da ação pedagógica, é a expressão da realidade sócio-cultural na qual a escola está inserida. É um apoio para os educadores, que conscientes de que ele não se realiza sozinho, farão do método seu guia para uma modernização do ensino.

Mas é preciso reconhecer que a questão primordial hoje, é que as escolas brasileiras são dominadas por um "dogmatismo metódico na prática pedagógica". O educador deixa refletir as diferenças sociais e econômicas da criança em sala

de aula sem se aperceber da necessidade de superá-los. Conforme o autor, "o desafio didático do momento pedagógico atual é o da concepção de uma metodologia de ensino que minimize as discriminações". (Ibdem, p. 88).

Na elaboração de um método de ensino os envolvidos com a educação devem estar sempre em busca de alguma complementação para sua ação didática. Neste sentido Raya afirma que:

> "é do campo da psicologia da aprendizagem e da estrutura lógica dos conteúdos pragmáticos em estudo que encontra subsídios para uma mediação entre a estrutura da matéria do ensino e as reais condições de aprendizagem do educando." (1995, p.89).

Mas o professor tem que tomar cuidado ao sair abraçando todo tipo de método oferecido pelo sistema educacional, uma vez que tais métodos podem não responder as necessidades postas pela prática pedagógica contextualizada. Conforme Neidson Rodrigues:

> "O 'maníaco mutacional' deve ser olhado com muito cuidado pelos educadores. Geralmente , tal indivíduo estrutura e veicula uma proposta inovadora sem levar muito em consideração as reais condições das escolas nacionais, dos professores, dos alunos e das próprias conseqüências advindas da utilização de um empacotado". (1989, p. 16).

Não adianta o professor tomar qualquer método como o "bom", o "eficiente", é preciso que ele saiba ministrá-lo e obter dele bons resultados. Rodrigues afirma que:

"não é o método em si que comprova a sua eficácia: é o uso, planejado e coerente, do método que aponta e seu valor em termos de resultados a serem obtidos." (Idem, p. 15).

Em busca de um caminho concreto para a superação de uma prática pedagógica repetitiva, a rotina é um fator que deve ser eliminado da metodologia

de ensino, e para isso é preciso evitar práticas desnecessárias tais como: autoritarismo, dogmatismo, repetição e memorização de exercícios, punição, etc, na ação pedagógica e que formarão alunos desprovidos de senso crítico.

Cabe à metodologia do ensino, ainda segundo Rays:

> "uma parcela de responsabilidade da formação crítica e criativa do futuro educador, principalmente quando o sistema social está em contradição como pressuposto epistemológico da teoria do conhecimento que a sustenta. (1995, p. 94).

Também é necessário que o método de ensino proporcione ao educador diferentes maneiras de lidar com o educando, pois uma mesma escola é freqüentada por vários grupos sociais grupos sociais e que tem necessidades sócio-culturais diferentes.

O professor, de certa forma, confuso com tantos métodos oferecidos pelo sistema de ensino acaba deixando de lado seu principal alvo, o aluno, que chega na escola cansado, com fome, desestimulado em situação de miséria e abandono. As dificuldades sócio-econômicas da grande maioria dos educandos, principalmente os da escola pública, fazem com que muitos precisem trabalhar para ajudar no orçamento familiar. Com tudo isso as crianças trazem consigo um aprendizado conquistado no mundo por elas vivenciado e que a escola não valoriza, obrigando-as a deixar tal aprendizado do lado de fora. O educador, ao invés de ignorar, poderia aproveitar este aprendizado em sala de aula usando-o para enriquecer a aula e formar uma postura crítica em se tratando da relação entre a escola e a vida. Segundo Rays:

> "Para que existia unidade entre escola e vida, entre instrução e educação é preciso que o educador e o educando tenham uma postura consciente e crítica do (...) contraste entre o tipo de sociedade e de cultura que ele (educador) representa e o tipo de sociedade e cultura representado pelos alunos (...); É por essas razões que a assimilação

> servil do conhecimento estreita os horizontes tanto do educador como do educando". (Idem, p. 92).

Mas para que o professor possa ter uma postura crítica diante da situação de seus alunos, é preciso que ele tenha uma formação onde juntos (professor e aluno) tenha voz e vez.

O professor vai para a sala de aula com seu conteúdo de ensino já elaborado, imposto e limitado, sem que possa ter algum reajuste, em relação ao contexto sócio-histórico do aluno, pois ainda há seqüelas do ensino tradicional que de certa forma, tem que ser obedecido.

> "Ainda que o professor possa receber ajuda através de determinadas leituras ou por meio de cursos de capacitação, trata-se de uma construção pessoal elaborada através dos recursos socialmente disponíveis, e não pode ser transmitida por outra e para outro facilmente. Portanto, temos que considerar que não é suficiente que o professor saiba o que tem que ser feito, mas ele tem que desejar realizar sua prática de determinada maneira". (Beatriz Cardoso. 1997, p. 51).

O professor é muito explorado, pois além de não ter investimento na sua formação ainda é mal remunerado. O salário que ele recebe não é suficiente para investir em si próprio e em subsídios para sua prática tais como: livros, revistas, vídeos, cursos, etc.

O salário dos professores é um fator preocupante que vem desde o período colonial com a expulsão dos jesuítas por Marquês de Pombal. Neste período surgiram mais escolas e com a duplicação dos trabalhos surgiram muitos professores inabilitados, fragmentando o ensino/aprendizagem que "passa a ser administrada através das aulas régias, (...) dadas na casa do professores, pagos pelas câmaras municipais". (Gomes. Coletânea CBE, 1994, p. 190).

De 1930 a 1990 o Brasil atravessou ainda conforme a autora "uma séria crise de crescimento na área educacional". No período de 1930/1945 a educação

brasileira tentava se organizar perante uma crise no poder político. Este foi "um período marcado pelo equilíbrio entre as influências das concepções humanista tradicional (representada pelos católicos e humanista moderno (representada pelos pioneiros)". (Veiga. 1994, p. 49).

De 1945/1960 vivemos o período pós guerra, onde o país passa por necessidade de mudança. Este é um período onde há o "predomínio das novas idéias levaram a uma valorização das escolas tecnicistas". (Soares in Veiga. 1994, p. 55).

Como movimento de 1964, tanto a educação como o país inteiro passaram por mudanças revolucionárias, inclusive no setor político-educacional. "A educação passa a ser encarada sob o aspecto de racionalidade e a exercer um papel fundamental no processo de desenvolvimento econômico, daí se originando as políticas educacionais". (Idem, p. 56).

Estas políticas educacionais geraram a ampliação do número de vagas nas escolas, dada a crescente ampliação da necessidade de mão-de-obra para atender a crescente industrialização do país, mas, gerar por outro lado a necessidade de mais professores que atendessem a esta demanda. O aumento expressivo do número de professores provocou queda nos salários. "Não havia professor para tanto aluno e era preciso dobrar a jornada; não havia arrecadação para tanto professor e era preciso dividir o salário. (Coletânea CBE. Gomes. 1994, p. 192).

Sair de uma situação constrangedora, onde o professor tem que dar conta de seu trabalho e não ser conhecido, era o que todos mais queriam. Então era preciso uma mobilização par que isso não se tornasse uma utopia. Daí a crescente preocupação em equipar melhor as escolas. Preocupação esta nem sempre solucionada.

Atualmente com o avanço tecnológico muitas escolas foram equipadas com computadores, televisão, vídeo e parabólica. Mas o fato de estarem equipadas não resulta em qualidade no ensino/aprendizagem, pois é preciso que todos estejam preparados para que tudo funcione. Do que adianta computadores se os professores e, até mesmo os alunos não tem acesso, fica restrito somente à secretaria e quando tem, muitas vezes não sabem usar? Há um programam de televisão que atende o setor educacional. É a chamada TV Escola. Foi com a

intenção de que os programas fossem gravados, diretamente da TV Escola e depois repassados para os professores que as escolas públicas receberam todos esses equipamentos. Mas do que adianta televisão, parabólica e vídeo senão tem alguém disponível somente para operá-los? Havendo alguém qualificado para o manuseio dos aparelhos, talvez isso ajudasse numa formação mais eficiente e desse modo o menosprezo para com o professor seria menos visível. Atualmente ele (professor), com muito esforço, consegue freqüentar cursos, inclusive o ensino superior, para aprimorar sua formação. No entanto, continua, por parte dos setores governamentais, o descaso com relação ao salário deste professores. Com o aumento de escolas duplicou a jornada de trabalho "barateando" a profissão do professor.

Os problemas que envolvem a educação são um desafio a ser superado.

Hoje a LDB está aí. Foi votada e sancionada sob o número 9.394, publicado sem vetos no Diário Oficial da União de 23 de dezembro de 1996, cabendo a ela avaliar todos os parâmetros educacionais.

A formação do professor, qualidade ensino/aprendizagem e salário, questões que no decorrer do texto foram citados, como alguns dos maiores problemas educacionais de hoje, deverá ter, com a implantação da nova Lei, garantia de um bom desenvolvimento educacional.

A nova LDB é um bom instrumento na mão de pessoas de fato comprometidas com a educação porém pode se constituir numa arma afiada nas mãos de profissionais sem escrúpulo que aproveitam, de alguma forma, da ingenuidade de alguns para evitar que a Lei de cumpra e desenvolva seu papel.

No título VI "Dos Profissionais da Educação" no artigo 62 da LDB temos um dos pontos positivos da Lei que diz respeito a formação do professor:

> "a formação dos docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidade e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na Modalidade Normal"

Mas não adianta a Lei exigir que todos os profissionais da educação tenham uma formação superior, se o sistema educacional não apresenta meios mais acessíveis para que o professor obtenha essa formação.

Já o artigo 4º "Do Direito à Educação do Dever de Educar", o título III trata da qualidade de ensino/aprendizagem. O inciso IX estabelece "padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínima ao desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem".

Porém para que isto aconteça é preciso que a escassez de material didático e de carteias, etc, estejam superados e que todos os professores sejam habilitados para desempenhar um trabalho mais eficiente, pois a nova Lei está "sendo" realizada.

A questão salarial também se faz presente na Nova Lei. Sua garantia foi efetivada no Título VII "Dos Recursos Financeiros", Artigo 70: Inciso I: "remuneração e aperfeiçoamento de pessoal docente e demais profissionais da educação".

Será que há realmente remuneração e aperfeiçoamento? O aumento salarial foi vetado, não são oferecidos cursos sempre aso professores. Então para que adianta garantia em algo que não se cumpre?

Para que a presente Lei vire realidade no que tange ao professor, é necessário que todos cumpram seu papel e mostrem na prática o que afirma Gomes: "... não haverá ensino público de qualidade sem salário e condições dignas de trabalho de seus professores. A qualidade do aluno é função, antes de tudo, da qualidade de seu mestre". (Coletânea CBE. 1994, p. 194).

Ainda no que tange à referida Lei, Saviane afirma que é necessário que todos nós empenhemos: "em construir uma nova relação hegemônica que valorize as transformações indispensáveis para adequar a educação às necessidades e aspirações da população brasileira". (1997, p. 238).

# O DIA-A-DIA DA SALA DE AULA

A situação pela qual a educação passa atualmente e extremamente difícil, o dia-a-dia da sala de aula só faz confirmar o descaso para com a educação pública.

Na escola analisada é visível o abandono em que ela se encontra. A mesma se apresenta suja, o lixo e o mato estão ao redor da escola e, até mesmo, dentro dela.

O ambiente de sala de aula que deveria ser de limpeza e com aspecto agradável para que o aluno se sentisse bem, é na verdade uma sala feia, suja, com mesa e cadeiras danificadas. O material se resume a quadro e giz. A pintura das paredes está descascada. Os cartazes são velhos e rasgados. As janelas quebradas e que mal permitem uma ventilação adequada. O espaço é pequeno, cabendo em média 25 alunos por sala. As crianças apresentam-se sujas, cansadas, com fome e vão para escola sem tomar café da manhã, mal vestidas, de chinelos e sem a mínima vontade de, realmente estudar. Tal quadro é o reflexo de uma sociedade injusta, desigual.

Infelizmente, essa situação é vista na maioria das escolas públicas. São poucas as escolas que são mais organizadas e que oferecem um ambiente, um pouco diferente desse apresentado acima. Um lugar onde as salas são agradáveis, as carteiras em bom estado de conservação e em quantidade suficiente e que de certa forma, agradece aos alunos.

Ao contrário dessa situação as escolas jesuítas, na época da colonização do Brasil, eram considerados organizadas, competente e mais conservadoras.

Sendo a sala de aula um ambiente desagradável as aulas, ao invés de estimular a curiosidade dos alunos para uma nova descoberta, são cheias de mesmice, repetição de exercícios, memorização. Assim como na prática pedagógica dos jesuítas, o aluno tem hora certa de falar, se falar antes do tempo

ele, de certa forma, é punido com "cala a boca, não é a sua vez". Segundo Anete Abramowicz:

> "as crianças não são 'donas' das palavras (...) Em sala de aula a palavra e do professor. Ao aluno cabe decorar e repetir a palavra dita. Há momentos marcados para a expressão da criança na sala de aula (...) Nos momentos mais livres do controle institucional é que as crianças falam e as palavras lhes pertencem. Uma fala livre num momento institucional é sempre punida de alguma maneira" (1996, 42 e 43).

Na observação feita, a professora, além de punir o aluno que não seguisse as ordens dadas por ela, era também "escrava do livro didático. Ela não dava aos alunos abertura para novas pesquisas, considerando-se que o número de livros distribuídos pelo MEC para eles foi insuficiente. Os alunos, na maioria das aulas, sentavam-se ao lado de algum coleguinha que tinha o livro para poder acompanhar a aula. Às vezes a professora passava a matéria no quadro tomando todo o tempo da aula e chateando o aluno que ficava copiando durante todo período em que estivesse na escola. O momento do recreio era o momento mais esperado por eles, além da hora de irem embora.

A punição, pareceu ser o ato mais eficaz adotado pelas professoras. Se os cadernos dos alunos estivessem sujos, se a letra fosse feia e ilegível eles eram logo chamados a atenção em voz alta para que todos percebessem e tomassem como exemplo para que não acontecesse o mesmo. Para Anete Abramowicz:

> "Um caderno sujo, uma letra mal desenhada, uma fala fora de hora, um ruído qualquer que se desprendesse sem controle, uma desobediência, uma negligência, uma preguiça momentânea, quando assim julgados pela professora, recebem algum tipo de punição. Em geral são berros ou falas grossas num tom de voz alto para que todas as crianças escutem." (1996, p. 44).

O ato de punir parece ser o único meio de disciplinar os alunos e tomar o controle da sala. Na época dos jesuítas a punição era também, um ato que constava no método adotado por eles, pois a Ordem Jesuítica estabelecia rígida disciplina militar.

Como no relato anterior, ao invés de ser um ambiente saudável, bonito, cheio de acontecimentos alegres, que chamasse a atenção de todos e, de certa forma, os prendessem em sala, onde a professora não fosse a dona da verdade e sim, tivesse compromisso profissional e fosse companheira, amiga de todos os momentos tristes e alegres e que considerasse a realidade de vida de seus alunos, é ao contrário uma sala "escura", feia para onde todos, se pudessem não iriam. Mas são obrigados, de certa forma, pelos pais, educadores e até mesmo, pelos setores governamentais. Está na nova Lei da Educação Nacional LDB, que todas as crianças a partir dos 7 anos de idade tem que freqüentar a escola. O Título III "Do Direito à Educação e o Dever de Educar", Artigo 6º afirma que: "É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos sete anos de idade, no ensino fundamental."

Esta Lei tem evitado que muitas crianças, de alguma maneira, fiquem em casa brincando, ajudando os pais nas tarefa de casa e, até mesmo, trabalhando para ajudar na renda familiar.

A educação no período jesuítico era dominada por padres-mestres que catequizavam os indígenas e instruíam os filhos dos colonos e não havia Lei que os obrigassem a freqüentar a escola.

Se por um lado existe a obrigatoriedade do ensino por outro, a maioria das escolas públicas, infelizmente, encontra-se em condições precárias, de abandono, tanto por parte dos setores governamentais quanto dos próprios educadores. Daí a dificuldade em efetivar a referida Lei.

E face desta situação a comunidade escolar precisa mobilizar-se para tentar mudar esse caos. Já existe em cada escola a instalação dos Conselhos Deliberativos da Comunidade escolar que tentam amenizar o problema através de ações democráticas. Um exemplo disto são os coordenadores pedagógicos que em nosso Estado "passaram a ser escolhidos pelos professores da escola". Os Conselhos Deliberativos da Comunidade Escolar (CDCEs) são formados por

pais, alunos, professores e funcionários e há ainda o incentivo à criação de Grêmio Estudantis. "Todos têm a palavra na hora de decidir os rumos da escola" (Escola Pública: Democracia e Qualidade, 1998, 07).

Desse modo, juntos pais, alunos, professores, funcionários, enfim, todos os segmentos envolvidos com a educação, terão a arma para combaterem a desigualdade educacional. E com essa união o repasse de recursos financeiros para a manutenção, reforma e ampliação da rede, será feita direto para as escolas e todos decidirão juntos quais são as prioridades desta.

> "O governo instituiu para a escola o repasse de recursos financeiros para reforma e manutenção. Agora, a unidade de ensino decide quais são as suas prioridades (...) São os diretores e o Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar - CDCE, que decidem onde aplicar os recursos e cuidam de sua fiscalização. A própria comunidade escolar pode decidir como aplicar a verba, avaliando suas prioridades". (Idem, p.21).

Foi criada também a Gestão Compartilhada dos Municípios da qual Pontes e Lacerda faz parte e que divide a responsabilidade da educação e obtém unidade em termos de objetivos e resultados:

> "O governo estreitou as relações com os municípios, através de convênio da Gestão Compartilhada, a partir de uma política de descentralização administrativa (...) 96 municípios já aderiram. Essa postura mostra que ser parceiro não é abrir mão dos deveres, nem deixar encargos para o outro. É fazer juntos". (Ibidem, p. 35).

Sendo assim, com a participação e incentivo de todos para a construção de uma escola aberta, fica escasso o espaço para as práticas medievais impostas pelos padres jesuítas.

Cabe, agora, somente a escola juntamente com o Conselho Deliberativo mudar a situação em que se encontram algumas escolas públicas e melhorar mais ainda aquelas que tentam mudar.

# A DINÂMICA INTERNA DA SALA DE AULA: A PRÁTICA DO PROFESSOR

Tendo em vista algumas considerações da problemática educacional, desde os tempos primordiais da educação até hoje, a análise aqui presente vem mostrar como a prática adotada pelos mestres jesuítas se faz presente na sala de aula dos dias de hoje.

Para facilitar o trabalho de análise dos dados coletados, nomearei as professoras observadas respectivamente por A, B, C e D. Tal nomeação não se refere à especificação das turmas uma vez que o ensino é por área e todas as professoras atuam em todas as salas.

As turmas observadas foram as 3ª séries A, B, e C do período matutino da Escola de 1º grau "06 de Agosto", localizada na divisa do centro com o 1º bairro da cidade de Pontes e Lacerda, Vila Guaporé, onde as famílias, em sua grande maioria, são todas de baixa renda e por conseqüência a escola é freqüentada por essas crianças carentes.

O método de ensino na época dos jesuítas estabelecia regras e normas bastante exigentes. Atualmente os métodos adotados por nossos professores também trazem práticas exigentes, que mediante a análise feita são vistas como incapazes para solucionar problemas atuais, métodos estes que foram herdados daquela época.

Nas aulas das professoras analisadas, foram detectados algumas ações vistas como desnecessárias aos nosso dias, pois estamos a caminho de um novo milênio, de onde se esperam grandes mudanças tanto para a educação como nos setores político e sócio-econômico e, até mesmo, religioso.

Uma destas ações considerada incompatível com a atualidade é o autoritarismo. As professoras fizeram uso deste item assim como os mestres jesuítas o fazia, para impor ordem na sala de aula, pois se elas não usassem deste argumento provavelmente, a sala ficaria em "desordem".

As professoras, logo ao chegarem na sala, já pediam silêncio e que todos alunos se mantivessem em suas carteiras para que ela desse início a aula. Um sonoro "cala a boca" era uma das primeiras falas pronunciadas por elas logo no começo, limitando o aluno a apenas às falas destinadas a ele. Os alunos não tem voz e nem vez. A toda a hora o autoritarismo toma conta da sala e não há abertura entre professor e aluno para que todos tenham vez.

> "as crianças não são 'donas' das palavras (...) Em sala de aula a palavra é do professor, ao aluno cabe decorar e repetir a palavra dita. Há momentos marcados para a expressão da criança na sala de aula. (...) Nos momentos mais livres do controle institucional é sempre punida de alguma maneira". (Anete. p. 42 e 43).

Vivemos num país democrático onde as pessoas são 'livres' tendo o direito de ir e vir de expressar seus sentimentos, etc. Mas na sala de aula isso não e concretizado, a professora é a dona da verdade, autoritária que até punem, de alguma forma, seus alunos. Que democracia é essa que não existe na sala de aula?

A punição que fez parte do método jesuítico, assim como a repetição de exercícios seguida de memorização, também foi artifício das professoras.

Ao aplicarem essa táticas, elas mostravam segurança, pois esse tipo de prática é um dos caminhos mais "fácil" e, até mesmo, o único para a "aprendizagem" do aluno. Com isso as aulas onde foram detectadas essas táticas pelas professoras A,B,C e D em diferentes dias dos três observados foram cansativas e sem novidades para os alunos. Mas as aulas da professora D, pelo fato de ministrar uma disciplina nova (Inglês), que está me fase de conhecimento para os alunos do ensino fundamental de I a IV séries na escola analisada, foi bem aceita, apesar de não haver modificação na metodologia de ensino. Deveria, por ser uma nova disciplina para os alunos, seguir outra meta como por exemplo, brincadeiras do tipo imitação dos sons de animais para adivinhar o nome dos mesmos, e não fazer uso de repetição e memorização de exercício seguidos, por vários dias.

A professora A no primeiro e no terceiro dia observados não fez uso exatamente, dos itens citados acima e sim de produção seguida de exposição. Primeiro os alunos ouviam e seguiam a leitura de um texto no livro didático lido por ela, que não correspondia à realidade daqueles alunos, e depois eles produziam seu próprio texto, de certa forma, induzidos pela leitura anterior. Havendo então a separação Escola X Vida. Algumas produções, há de se admitir, não fugiam daquele mundo que os rodeava de plena pobreza.

Também pude observar esta dicotomia na aula da professoras C, quando esta, já no primeiro dia observado, passou na lousa exercícios mecânicos que só serviam para alienar ainda mais os alunos.

O contexto sócio-histórico do aluno, o ambiente onde ele vive é um dos fatores que deveria ser inserido diretamente no método trabalhado por todos professores de modo geral. Sendo assim, o aluno ao chegar na sala de aula, talvez, prendesse sua atenção sua atenção ao trabalho desenvolvido, pois logo percebia que as aulas seriam interessantes, teriam tudo a ver com seu estilo de vida e poderia ser mais agradáveis, podendo até ajudar na formação crítica de cada aluno.

Essa importância é mostrada por Rays quando este afirma que:

> "Para que esta unidade entre escola e vida, entre instrução e educação é preciso que o educador e o educando tenham uma postura consciente e crítica do '(...) contaste entre o tipo de sociedade e de cultura que ele (educador) representa e o tipo de sociedade e cultura representado pelos alunos (...)'. É por essas razões que a assimilação servil do conhecimento estreita os horizontes tanto do educador como educando". (1995, p. 92).

Essa unidade entre escola e vida também não havia nos tempos jesuíticos.

Naquela época existia, para os alunos, colégios que funcionavam como internatos onde pudessem garantir a melhor formação religiosa, moral e intelectual, também criados para a proteção e vigilância das crianças. As férias eram curtas para evitar o longo contato com os familiares e para não diminuir o

desempenho adquirido por elas. A influência que vinha de fora do colégio era ignorado, assim como acontece hoje.

O fato de a maioria dos professores não terem uma formação adequada, perceberem baixos salários e na maioria das vezes ainda atrasados, sofrerem com a falta de material didático adequado e suficiente para uma melhor formação dos alunos, etc, atrapalha o trabalho dos professores e os condiciona a desenvolver práticas como as já citadas e outras indevidas, para a formação educacional, Segundo Ezequiel Teodoro tem que existir nos professores:

> "a necessidade se superação da consciência ingênua na seara educacional e a necessidade de uma transformação urgente do trabalho pedagógico, acompanhando as lutas e os combates contra o autoritarismo, a discriminação e as injustiças sociais". (1989. P. 69).

A escola pública, na sua grande maioria tem sido assim. O descaso por parte dos setores governamentais, enfraquece o sistema educacional tornando a escola numa "entidade à parte do processo histórico". (Ibidem, 67), dando-lhes a função única de obter mão-de-obra alienada como uma indústria onde cada um tem seu próprio cargo. E assim a ideologia educacional está preparando, não futuros críticos, mas sim pessoas alienadas sem critérios, submissos para que os poderosos, a classe dominante possa controlá-los.

A própria sala de aula deixa bem claro esse tipo de formação. Pude evidenciar claramente a formação para submissão quando a professora B num momento de desobediência de alguns alunos usou palavras do tipo "você não pode ser assim"; "você tem que escutar o que as pessoas falam, prestar atenção, obedecer, senão você vai sofrer lá fora", etc.

O modo como o sistema educacional trata seus alunos, de maneira submissa, de adaptação ao meio, se faz reforçar a ordem estabelecida com o objetivo de conservar esse tipo de valor. Senão houver mudanças urgentes, os educandos, ao invés de andar para frente, vão andar para trás, como meros alienados do sistema.

Na época dos jesuítas essa prática de submissão, também era comum e tinha a mesma finalidade de reforçar a ordem vigente, pois com isso a Igreja Católica adquiria mais adeptos convertidos ao cristianismo e aos valores europeus. Para os tempos atuais esses tipos de práticas medievais são ultrapassadas e os nossos professores devem tomar consciência desse fato e ir em busca de novas práticas e novos valores.

Outra ação medieval também adotada pelos professores atuais é a formação moral. Essa prática foi percebida em todas as aulas observadas das professoras A e B. O ato de empregar tal prática teve a intenção de obter domínio da sala, de chamar a atenção dos alunos fazendo com que eles se submetessem as ações ordenadas pela professora.

Todas essas situações que os alunos vivenciam na sala de aula e, até mesmo, fora de sala acontece porque:

> "é o professor quem decide sua forma de atuação em classe, quem escolhe quais são os conhecimentos sobre os quais baseará sua atividade, qual será sua programação, que mudanças introduzir ou qualquer outra invariável que determine sua forma de ensinar". (Beatriz Cardoso. 1997, p. 52).

Com isso a aprendizagem que deveria ser algo dinâmico cujas informações vinham de todos os lugares e sejam aceitas por todos em sala, torna-se restrita, presa somente às informações, às transmissões do professor que algumas vezes até escuta o que seus alunos tem de novidades em respeito a aula. Mas não pode "perder tempo", senão a hora da aula passa e isso não pode acontecer é um "desperdício". É preciso que o professor aceite sugestões de outros, para que se deixe libertar de práticas ultrapassadas, mas junto dele estarão as práticas antigas que servirão de apoio sempre que necessário, pois as tradicionais são as mais conservadoras.

O professor tem que buscar mudanças para não cair na rotina, que torna a aula cansativa para os alunos e faz com que ele próprio caia no comodismo. Segundo Ezequiel:

> "temos que combater ardentemente essa ideologia, caso queiramos modificar a nossa forma de ser e através dela, o tipo de trabalho que executamos junto com nossos alunos. 'A pressa é inimiga da perfeição', diz o velho ditado e, em termos de um trabalho pedagógico inovador, acho que ele se aplica perfeitamente." (1989. P. 8 e 81).

De modo geral pude constatar que nas práticas das professoras analisadas ainda se fazem presentes aspectos ou características do método jesuítico, tais como o autoritarismo imposto pelas professoras para terem o domínio da sala; punição, repetição de exercícios seguido de memorização como meio mais fácil para a "aprendizagem"; produção e exposição de texto induzido pelo livro didático havendo então separação entre escola e vida que, de certa forma, gera alunos alienados do sistema educacional. É preciso lutar para que tais práticas sejam pelo menos desvalorizadas e assim cair no esquecimento de nossos professores, fazendo com eu estes procurem novo métodos que valorize as reais condições de aprendizagem e o contexto sócio-histórico dos educandos.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso deste trabalho tentei relatar a situação da educação destes dos seus primórdios até os tempos atuais.

As dificuldades de quem trabalha no meio educacional e principalmente o método de ensino, no que ele ajuda ou atrapalha no ensino/aprendizagem, foram os principais fatos colocados em questão.

Sabemos que o Brasil é um país em desenvolvimento, que luta por uma educação substancial que contribua para a qualificação da cidadania. Mas por ser um país jovem, ainda há na educação resquícios do tempo dos nosso primeiros educadores, os jesuítas, que tinham um ensino autoritário e dogmático.

Para que haja grandes mudanças, a questão pedagógica precisa ser, no meio político, o centro das preocupações. Havendo prioridade para o ensino/aprendizagem haverá também melhoria na qualidade de vida, resgatando para as escolas a função do ensino.

# BIBLIOGRAFIA

ABRAMOWICZ, Anete. *A menia repetente*. 2ª ed. Campinas - Sp. Papirus, 1996.

AB'SABER, Aziz N. (etal). *A época Colonial* tomo I: do conhecimento a expansão territorial. Rio de Janeiro: Bestrand Brail, 1997.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação.* 2ª ed. rev. E atual. Ed. Moderna. São Paulo. 1996.

CARDOSO, Beatris. TEBEROSKY, Ana (orgs). *Reflexões sobre o ensino da leitura*. 5ª ed. Campinas - SP. Ed. UNICAMP/ Vozes. 1997.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MELLO, Guiomar Namo de. *Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio.* Col. Madza Julieta Nogueira. 5ª ed. S. Paulo. Ed. Cortez.

RODRIGUES, Deidson. *Barafunda Metodológica.* Vozes. 1989.

SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da educação*: Trajetória, limites e perspectivas. Campinas - SP. Ed. Autores Associados. 1997.

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO. *Escola Pública: Democracia e Qualidade.* Cuiabá. 1998. Ed. Entrelinhas e Publicidade.

SOARES, Magda Becker. KRAMER, Sônia LÜDKE, Menga e outros. *Escola Básica*. 2ª ed. Campinas - SP. Ed. Papirus. 1994. (Coletânea CBE).

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Prática Pedagógica do professor de Didática.* 3ª ed. Campinas - SP. Papirus. 1994.

_____ . (Coord.) *Repensando a Didática.* 10ª ed. Campinas - SP. 1995.

# ANEXOS

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT

**'SCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU "6 DE AGOSTO"**
**A" TURNO: MATUTINO**
**7/98**

| E NORMAS O<br>UM SUITICO | PORTUGUÊS PROFª SELMA | | MATEMÁTICA PROFª VALDENICE | | EST. SOCIAIS PROFª LILIAN | | CIENCIAS PROFª | | INGLES PROFª | | ED. ARTISTICA PROFª LILIAN | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | *SIM* | *NÃO* | *SIM* | *NÃO* | *SIM* | *NÃO* | *SIM* | *NÃO* | *SIM* | *NÃO* | *SIM* | *NÃO* |
| EXERCICIOS | | | * | | | | | | | | | |
| EXPOSIÇÃO | * | | * | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | |
| RESOLVER DISCIPLINA | | | | | | | | | | | | |
| RAL | * | | | | * | | | | | | * | |
| IGIOSA | | | * | | * | | | | | | | |
| IOLDES SOCIAIS | | | | | | | | | | | | |
| COLA X VIDA | * | | * | | | | | | | | | |
| | * | | * | | * | | | | | | * | |
| DE MOTIVAÇÃO: A, MUSICA, ARTE, | * | | | | | | | | | | * | |
| A SUBMISSÃO | | | | | * | | | | | | | |
| TO E DOGMATICO | | | | | | | | | | | | |
| MATICA PARA ETORICA | | | | | | | | | | | | |

**SCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU "6 DE AGOSTO"**
**" TURNO: MATUTINO**
**/98**

| E NORMAS O<br>UM SUITICO | PORTUGUÊS PROFª SELMA | | MATEMÁTICA PROFª | | EST. SOCIAIS PROFª LILIAN | | CIENCIAS PROFª LILIAN | | INGLES PROFª VERA | | ED. ARTISTICA PROFª LILIAN | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | SIM | NÃO | SIM | NÃO | SIM | NÃO | SIM | NÃO | SIM | NÃO | SIM | NÃO |
| XERCICIOS | * | | | | | | | | * | | | |
| EXPOSIÇÃO | * | | | | | | * | | * | | | |
| | | | | | | | | | | | | |
| RESOLVER DISCIPLINA | | | | | | | | | | | | |
| RAL | * | | | | * | | | | | | | |
| GIOSA | | | | | * | | * | | | | | |
| OLDES SOCIAIS | | | | | | | | | | | | |
| COLA X VIDA | | | | | | | | | | | | |
| | * | | | | * | | * | | * | | | |
| DE MOTIVAÇÃO: , MUSICA, ARTE, | | | | | | | | | | | | |
| A SUBMISSÃO | | | | | * | | | | | | | |
| TO E DOGMATICO | | | | | | | | | | | | |
| MATICA PARA TORICA | | | | | | | | | | | | |

Câmara Municipal de Vereadores
Cuiabá e Lacerda - MT.
ECA

**SCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU "6 DE AGOSTO"**
**C" TURNO: MATUTINO**
**/98**

| E NORMAS O<br>UM SUITICO | PORTUGUÊS PROFª SELMA | | MATEMÁTICA PROFª VALDENICE | | EST. SOCIAIS PROFª LILIAN | | CIENCIAS PROFª | | INGLES PROFª VERA | | ED. ARTISTICA PROFª | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | SIM | NÃO | SIM | NÃO | SIM | NÃO | SIM | NÃO | SIM | NÃO | SIM | NÃO |
| XERCICIOS | | | * | | | | | | * | | | |
| EXPOSIÇÃO | * | | * | | | | | | * | | | |
| | | | | | | | | | | | | |
| RESOLVER DISCIPLINA | | | | | | | | | | | | |
| RAL | * | | | | * | | | | | | | |
| GIOSA | | | | | | | | | | | | |
| OLDES SOCIAIS | | | | | | | | | | | | |
| COLA X VIDA | * | | | | | | | | | | | |
| | * | | * | | * | | | | * | | | |
| DE MOTIVAÇÃO: , MUSICA, ARTE, | * | | | | | | | | | | | |
| A SUBMISSÃO | | | | | | | | | | | | |
| TO E DOGMATICO | | | | | | | | | | | | |
| MATICA PARA TORICA | | | | | | | | | | | | |